

## MEDICALIZAÇÃO DO DESEMPENHO ACADÊMICO: UMA ANÁLISE DO USO DE LISDEXANFETAMINA POR UNIVERSITÁRIOS NA AMAZÔNIA BRASILEIRA

MEDICALIZATION OF ACADEMIC PERFORMANCE: AN ANALYSIS OF THE USE OF LISDEXAMFETAMINE BY UNIVERSITY STUDENTS IN THE BRAZILIAN AMAZON

MEDICALIZACIÓN DEL RENDIMIENTO ACADÉMICO: UN ANÁLISIS DEL USO DE LISDEXFETAMINA POR UNIVERSITARIOS EN LA AMAZÓNIA BRASILEÑA

Isabelly da Cruz de Carli<sup>1</sup>  
Sara Oliveira Krumenaur<sup>2</sup>  
Giovanna Vicentini Rocha<sup>3</sup>  
Sarah Camilla Pereira Abati<sup>4</sup>  
Arielly Catarina Ribeiro de Queiroz<sup>5</sup>  
Rafael Ademir Oliveira de Andrade<sup>6</sup>

**RESUMO:** Esse artigo buscou analisar o uso indiscriminado de lisdexanfetamina entre estudantes de Medicina, identificando motivações, padrões de consumo, percepções de eficácia e possíveis implicações psicossociais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e analítica, que combinou revisão de literatura com aplicação de questionário online a 221 estudantes de Medicina em Porto Velho, Rondônia, com coleta de dados entre fevereiro e março de 2026 e análise interpretativa articulando achados empíricos com a produção científica recente. Os resultados evidenciam prevalência significativa de uso de psicoestimulantes (37,1%), forte percepção de normalização (81,9%) e ampla circulação de relatos entre pares (89,1%), além de fácil acesso aos medicamentos (71%) e aumento do uso em períodos de prova (90%), sugerindo padrão funcional vinculado à pressão acadêmica. Embora parte relate dependência, a maioria não reconhece vantagens cognitivas objetivas. Conclui-se que o uso indiscriminado configura-se como fenômeno socialmente construído, atravessado por pressões institucionais e culturais, demandando intervenções com regulação, suporte psicossocial e ações educativas no ambiente universitário.

**Palavras-chave:** Psicoestimulantes. Lisdexanfetamina. Estudantes de Medicina. Desempenho Acadêmico. Saúde Mental.

<sup>1</sup>Graduanda em Medicina no Centro Universitário São Lucas Afya.

<sup>2</sup>Graduanda em Medicina no Centro universitário São Lucas AFYA.

<sup>3</sup>Graduanda em Medicina no Centro Universitário São Lucas AFYA.

<sup>4</sup>Graduanda em Medicina no Centro Universitário São Lucas AFYA.

<sup>5</sup>Graduanda em Medicina no Centro Universitário São Lucas AFYA.

<sup>6</sup>Sociólogo, Doutor em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente, professor adjunto no curso de Medicina no Centro Universitário São Lucas AFYA.

**ABSTRACT:** This article aimed to analyze the indiscriminate use of lisdexamfetamine among medical students, identifying motivations, consumption patterns, perceptions of efficacy, and possible psychosocial implications. This is a qualitative and analytical study that combined a literature review with the application of an online questionnaire to 221 medical students in Porto Velho, Rondônia, with data collection between February and March 2026 and interpretive analysis articulating empirical findings with recent scientific production. The results show a significant prevalence of psychostimulant use (37.1%), a strong perception of normalization (81.9%), and widespread sharing of reports among peers (89.1%), as well as easy access to medication (71%) and increased use during exam periods (90%), suggesting a functional pattern linked to academic pressure. Although some report dependence, most do not recognize objective cognitive advantages. It is concluded that indiscriminate use is a socially constructed phenomenon, influenced by institutional and cultural pressures, requiring interventions with regulation, psychosocial support, and educational actions in the university environment.

**Keywords:** Psychostimulants. Lisdexamfetamine. Medical Students. Academic Performance. Mental Health.

**RESUMEN:** Este artículo tuvo como objetivo analizar el uso indiscriminado de lisdexanfetamina entre estudiantes de medicina, identificando motivaciones, patrones de consumo, percepciones de eficacia y posibles implicaciones psicosociales. Se trata de un estudio cualitativo y analítico que combinó una revisión bibliográfica con la aplicación de un cuestionario en línea a 221 estudiantes de medicina en Porto Velho, Rondônia, con la recopilación de datos entre febrero y marzo de 2026 y un análisis interpretativo que articula los hallazgos empíricos con la producción científica reciente. Los resultados muestran una prevalencia significativa del uso de psicoestimulantes (37,1%), una fuerte percepción de normalización (81,9%) y un intercambio generalizado de informes entre compañeros (89,1%), así como un fácil acceso a la medicación (71%) y un mayor uso durante los períodos de exámenes (90%), lo que sugiere un patrón funcional vinculado a la presión académica. Aunque algunos informan dependencia, la mayoría no reconoce ventajas cognitivas objetivas. Se concluye que el uso indiscriminado es un fenómeno socialmente construido, influenciado por presiones institucionales y culturales, que requiere intervenciones con regulación, apoyo psicosocial y acciones educativas en el entorno universitario.

**Palabras clave:** Lisdexanfetamina. Estudiantes de Medicina. Psicoestimulantes. Salud mental. Rendimiento académico.

## INTRODUÇÃO

A vida acadêmica altera os hábitos cotidianos dos jovens, podendo desencadear elevados níveis de estresse, ansiedade e autocobrança (PIRES et al., 2020). Esses fatores, associados à necessidade de conciliar múltiplas demandas, têm contribuído para o uso indiscriminado de psicoestimulantes com a expectativa de melhorar o desempenho acadêmico (Martins et al., 2023).

A capacidade de concentração, essencial para o rendimento acadêmico, pode representar um desafio significativo para muitos estudantes, sendo frequentemente percebida como um

obstáculo ao desempenho (De Toledo Silva *et al.*, 2024). Nesse contexto, o uso de substâncias conhecidas como “drogas inteligentes”, como a lisdexanfetamina (Venvanse®), tem se tornado cada vez mais frequente entre universitários. A automedicação com psicoestimulantes está relacionada à busca por aprimoramento cognitivo, aumento da atenção e do estado de alerta, além da redução do estresse e melhora do humor, especialmente em períodos de alta demanda acadêmica (Cata Preta *et al.*, 2019).

Os psicoestimulantes são fármacos que atuam aumentando a motivação, o humor, a energia e a vigília, além de promoverem melhora do desempenho cognitivo. São também classificados como simpatomiméticos, pois mimetizam os efeitos da estimulação simpática mediada pela adrenalina (Sadock, 2015). No entanto, o uso indiscriminado desses medicamentos, sem prescrição médica, tem levantado preocupações relevantes quanto aos riscos de dependência, efeitos adversos e interações medicamentosas (Hoeflich *et al.*, 2021).

Nesse cenário, destaca-se a lisdexanfetamina, fármaco indicado para o tratamento do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), que tem sido utilizado de forma indevida como potencializador cognitivo (Lopes *et al.*, 2024). Seu mecanismo de ação envolve a modulação dos neurotransmissores dopamina e norepinefrina no sistema nervoso central. Trata-se de um pró-fármaco convertido em anfetamina após metabolização, promovendo aumento da liberação e inibição da recaptação dessas monoaminas (Sônego *et al.*, 2021).

Além disso, a anfetamina atua sobre transportadores de dopamina (DAT) e norepinefrina (NET), elevando suas concentrações na fenda sináptica, o que contribui para a melhora dos sintomas do TDAH, como desatenção, impulsividade e hiperatividade (May *et al.*, 2023). A lisdexanfetamina apresenta alta biodisponibilidade, com pico plasmático entre 3 e 4 horas e meia-vida de aproximadamente 10 a 13 horas, permitindo efeito prolongado com dose única diária (Moreira *et al.*, 2022). Apesar disso, sua ativação gradual reduz o potencial de euforia, embora não elimine os riscos associados ao uso inadequado (Minnit *et al.*, 2021).

No Brasil, o controle dessas substâncias é regulamentado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), que estabelece critérios rigorosos para sua prescrição e comercialização. Entretanto, o acesso indevido, por meio de prescrições irregulares ou compartilhamento entre estudantes, tem sido relatado (Esposti, 2017).

Estudos indicam que a prevalência do uso de estimulantes sem prescrição entre universitários varia de 5% a 35% (Smith; Farah, 2011). Em pesquisa realizada em Minas Gerais, observou-se que 66,7% dos estudantes de Medicina e 15,5% dos estudantes de Direito já fizeram uso dessas substâncias (Silva; Caldeira, 2020). A principal motivação relatada é a busca por

melhor desempenho acadêmico, frequentemente baseada em percepções equivocadas sobre a segurança desses fármacos (Paschoal de Farias *et al.*, 2024).

O uso inadequado da lisdexanfetamina está associado a diversos riscos à saúde mental, incluindo ansiedade, depressão e dependência, além de potencialmente mascarar transtornos subjacentes (Cerqueira *et al.*, 2021). Nesse sentido, a automedicação entre universitários evidencia lacunas nas estratégias de suporte acadêmico e psicológico. Conforme destacado por Curi e Imperatori (2024), “o consumo desregulado de estimulantes entre jovens universitários pode indicar uma lacuna nas políticas de suporte acadêmico e psicológico”.

Diante disso, torna-se fundamental que instituições de ensino superior implementem políticas eficazes de prevenção, além de oferecer suporte psicológico e acadêmico adequado. Estratégias como a promoção de hábitos saudáveis e a redução da pressão por desempenho são apontadas como essenciais para minimizar o uso indiscriminado dessas substâncias (Silva *et al.*, 2022; Pereira; Almeida, 2021).

Portanto, o uso não controlado de lisdexanfetamina por estudantes universitários, especialmente na ausência de diagnóstico de TDAH, representa um importante problema de saúde pública. Além dos riscos à saúde mental, questiona-se a real eficácia desses medicamentos em indivíduos saudáveis, reforçando a necessidade de mais estudos e intervenções sobre o tema (Santos; Ribeiro, 2023; Marinho, 2023).

## MÉTODOS

Este estudo consiste em uma revisão qualitativa e analítica da literatura. A busca foi realizada por meio da análise de artigos científicos publicados entre 2015 e 2024.

A busca foi conduzida nas bases de dados SciELO (Scientific Electronic Library Online), LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e PubMed. Os estudos foram selecionados utilizando descritores de ciências da saúde (DeCS) e descritores de ciências da saúde/MeSH, incluindo os termos “lisdexanfetamina”, “estudantes de medicina”, “psicoestimulantes”, “uso descontrolado”, “saúde mental” e “desempenho acadêmico”, combinados pelos operadores lógicos AND e OR.

O estudo incluiu artigos originais e revisões publicados nos últimos dez anos que examinaram especificamente o uso de lisdexanfetamina ou outros psicoestimulantes por estudantes universitários. Estudos duplicados, publicações sem acesso ao texto completo e artigos que se concentravam exclusivamente no uso terapêutico da substância em pacientes diagnosticados com TDAH, sem discutir efeitos adversos ou abuso, foram excluídos.

Após a seleção dos artigos, foi realizada uma revisão detalhada dos estudos, seguida de análise e interpretação dos dados para identificar os principais fatores associados ao uso não supervisionado de lisdexanfetamina e suas potenciais consequências para a saúde mental dos estudantes.

Além da revisão da literatura, foi aplicado um questionário online para os estudantes de medicina de universidades em Porto Velho, Rondônia, entre as idades de 17 e 30 anos ou mais, para compreender a frequência do uso de psicoestimulantes para melhora do desempenho acadêmico, entender se há fácil acesso ao medicamento no ambiente acadêmico, se há aumento do uso em períodos de provas e se a pressão por resultados justifica o uso indiscriminado da medicação. O questionário foi distribuído por meio de plataformas digitais e grupos de WhatsApp e permaneceu acessível durante 11 dias, do dia 24 de fevereiro ao dia 6 de março de 2026. Ao final do período de pesquisa, foram recebidas 221 respostas, que foram utilizadas de forma narrativa para complementar a discussão dos dados na literatura.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra analisada é composta por 221 estudantes de Medicina, revelando um perfil sociodemográfico relativamente homogêneo em alguns aspectos e, ao mesmo tempo, marcado por elementos estruturais relevantes para a interpretação dos dados. No que se refere à idade, observa-se a predominância da faixa etária entre 20 e 24 anos, concentrando a maior parte dos respondentes. Trata-se, portanto, de um público majoritariamente jovem, inserido na etapa intermediária da formação médica, momento geralmente caracterizado por maior intensidade das demandas acadêmicas, aumento da carga de estudo e maior pressão por desempenho.

Em relação ao gênero, verifica-se uma predominância significativa de estudantes do sexo feminino, que correspondem à maioria da amostra, enquanto os estudantes do sexo masculino aparecem em proporção menor, havendo ainda registros residuais de outras identificações. Esse dado acompanha uma tendência observada nacionalmente de feminização dos cursos de Medicina, refletindo transformações mais amplas no acesso ao ensino superior e nas configurações das profissões da área da saúde. Tal característica não é apenas descritiva, mas pode influenciar experiências acadêmicas, percepções de pressão e estratégias de enfrentamento no cotidiano universitário.

No que diz respeito à naturalidade, a maior parte dos estudantes não é oriunda de Porto Velho, indicando a presença de um fluxo significativo de mobilidade estudantil. Esse dado sugere que muitos discentes vivenciam o processo formativo em condição de deslocamento

territorial, possivelmente afastados de suas redes familiares e comunitárias de origem. Tal contexto pode implicar desafios adicionais, como adaptação a um novo ambiente urbano e institucional, reconfiguração de vínculos sociais e maior exposição a situações de vulnerabilidade emocional e acadêmica.

## RELATOS DE USO INDISCRIMINADO POR COLEGAS

No que tange à percepção social e à disseminação do uso de estimulantes no ambiente acadêmico, observa-se que 89,1% dos respondentes (221 indivíduos) já ouviram relatos de colegas utilizando o indiscriminado de lisdexanfetamina sem diagnóstico formal. Este dado revela que a prática não é apenas comum, mas amplamente compartilhada e discutida entre os pares, consolidando o que Morgan et al. (2024) descrevem como um contágio social do aprimoramento cognitivo farmacológico. A discrepância entre o uso admitido e a percepção do uso por terceiros sugere uma cultura de normalização onde o fármaco é visto como uma ferramenta de competitividade disponível. Tal onipresença de relatos corrobora a análise de Oliveira (2022), que aponta a influência do meio social na decisão individual de iniciar o uso de psicoestimulantes, uma vez que a exposição constante a casos de sucesso de colegas minimiza a percepção de riscos à saúde. Em Porto Velho, esse índice de quase 90% de conhecimento sobre o uso informal reforça que a substância está integrada à rotina acadêmica, transcendendo a barreira do uso clínico para se tornar um fenômeno coletivo de performance.

6

## USO PARA MELHORA DO DESEMPENHO ACADÊMICO

Perante o uso da lisdexanfetamina de forma indiscriminada para melhora de desempenho em estudo ou trabalho, mostrou um predomínio no uso (37,1%), sendo uma taxa elevada, levando em consideração as 221 respostas, indicando uma normalização no cenário acadêmico, deixando de ser uma exceção ou palco de julgamento. Levando em conta outros estudos realizados em acadêmicos de medicina como o de Chagas *et al*, 2025, onde mostrou um uso de 18,6 % dos estudantes em uma universidade no sul de tocantins, e em um segundo estudo por Tolentino (2020) realizado em uma faculdade de Brasília o uso de psicoativos pelos acadêmicos foi de 19,1%, por meio disto percebesse que mesmo em regiões diferentes do Brasil o predomínio do uso de psicoestimulantes é alto em acadêmicos de medicina, porém na região de Porto Velho mostra uma prevalência fora do padrão em relação aos outros dados. Isso, como citado por Cerqueira *et al*. (2021), provém de uma tentativa não convencional e artificial de potencializar uma função cognitiva considerada insuficiente para as demandas do mercado.

## EFICÁCIA NOS ESTUDOS SEM O PSICOESTIMULANTE

Em relação ao uso indevido para estudo e trabalho foi levantado o questionamento de não conseguir realizar os estudos/trabalho de forma eficaz sem o uso do psicoestimulante, 41,2%, dentre esses 18,1% discordam e 23,1% discordam totalmente, correspondem aos que não sentem que perderam a capacidade de funcionar sem a droga, indicando um uso esporádico, porém também podem representar uma negativa perante o quadro, como um mecanismo de defesa para preservar a autoimagem de “controle”. No estudo de Roberts et al. (2020), retrata que em cérebros normais o efeito ocasionado pelo psicoativo é subjetivo e motivacional, não gerando um aumento cognitivo ou memória de longo prazo, sendo um aumento na vigia e repetição. Tendo por meio disso uma perspectiva de sem o uso do medicamento tem um aprendizado eficaz e profundo, não apresentando estado ansioso.

Entrando no viés de neutralidade de 35%, demonstra uma ambiguidade, assim como uma incapacidade de posicionamento, pois ao mesmo tempo que não admite a incapacidade de realizar as ações sem o uso do medicamento, não afirma ter o mesmo rendimento sem o uso dela. No artigo de Ferreira et al (2024), representa como um limbo ético e fisiológico, pois se percebe que sem o remédio o estudo é mais arrastado, mas ele não quer admitir que precisa da pílula, além de uma normalização em relação ao uso, pois “todo mundo usa”. Sendo um indicativo que o cérebro não consegue mais processar a produtividade normal como eficaz, e sim como entediante e lenta comparada ao uso do medicamento.

Em contrapartida 25% concordam que necessitam da Lisdexanfetamina para ter desempenho nas atividades, entre eles 18,1% concordam, revelando uma dependência para que ocorra a fluência cognitiva, 6,9% concordam totalmente, retratando uma dependência que não permite a separação do psicoativo das realização das atividades, com o sentimento de não rendimento sem o uso. Isso é apontado por Lopes et al (2024) como dependência onde tem a necessidade do medicamento para ter rendimento e em sua abstinência apresenta sintomas como insônia, ansiedade, cansaço, dissociação por se sentir incompetente no estado natural do funcionamento cognitivo. Com isso, cria a ilusão da produtividade, resultando na dependência psicológica e prejuízo na qualidade de vida.

## NORMALIZAÇÃO DO USO EM MEIO UNIVERSITÁRIO

Os dados referentes à percepção dos estudantes sobre a normalização do uso de psicoestimulantes no contexto universitário demonstram uma marcante concordância.

Observou-se que 44,8% dos participantes afirmam “concordar” e 37,1% “concordam totalmente”, totalizando 81,9% de concordância. Por outro lado, apenas 4,5% discordam e 3,2% discordam totalmente, enquanto 12,7% mantêm-se neutros. Esses dados evidenciam que a maioria expressiva dos estudantes reconhecem que o uso de psicoestimulantes deixou de ser um comportamento pontual, passando a apresentar-se como uma prática socialmente aceita e inserida no cotidiano acadêmico. A alta taxa de concordância sugere não apenas a existência do fato, mas também sua legalização dentro do ambiente universitário. A normalização pode ser compreendida como resultado de múltiplos fatores, incluindo a convivência frequente com outros estudantes que fazem uso das substâncias, a percepção dos benefícios imediatos e a pressão constante pelo alto desempenho. Estudos observam que, em cursos como Medicina, essa prática tende a se alastrar de forma mais intensa devido à alta carga horária, competitividade e exigências cognitivas elevadas (Souza *et al.*, 2024; Ferreira *et al.*, 2024).

Além disso, a literatura destaca que a repetição desse comportamento no meio social contribui para sua banalização, reduzindo a percepção de risco e favorecendo o uso sem prescrição médica (Souza; Baienze, (2023). Dessa forma, os dados indicam não apenas a presença do uso, mas um processo mais profundo de normalização e aceitação cultural dentro do contexto acadêmico.

## ACESSO AOS MEDICAMENTOS PSICOESTIMULANTES

No que se observa sobre o acesso aos medicamentos psicoestimulantes no ambiente universitário, os dados também mostram um predomínio de concordância. Observa-se que 40,7% dos participantes afirmam “concordar” e 30,3% “concordam totalmente”, totalizando 71% de concordância. Em contrapartida, 5,4% discordam e 3,6% discordam totalmente, enquanto 20,4% se posicionam de forma neutra. Esses resultados mostram que a maioria dos estudantes observam um fácil acesso a esses medicamentos, especialmente no contexto do curso de Medicina. Tal percepção pode estar correlacionada a diversos fatores, como maior conhecimento sobre fármacos, proximidade com profissionais da saúde, circulação de informações entre colegas e, possivelmente, práticas de compartilhamento ou uso sem prescrição formal. A literatura brasileira reforça essa interpretação ao apontar que o uso não prescrito de psicoestimulantes entre universitários frequentemente ocorre por meio de redes informais, incluindo amigos e colegas de curso, além da obtenção facilitada por vias não convencionais (Lima *et al.*, 2021; Lobo *et al.*, 2024). Complementarmente, a presença de uma parcela significativa de respostas neutras (20,4%) pode indicar variação na experiência

individual dos estudantes ou desconhecimento direto sobre os mecanismos de obtenção, mostrando que, embora o acesso seja como facilitado, ele pode não ser homogêneo entre todos os participantes.

## PERCEPÇÃO DO ESTUDANTE EM RELAÇÃO A DROGA EM PERÍODOS DE PROVAS

Os dados sobre a percepção dos estudantes de medicina em relação ao uso de estimulantes durante os períodos de provas revelam um panorama claro: 55,2% concordam fortemente que o uso está aumentando, 34,8% concordam (90% no total), enquanto apenas uma pequena porcentagem discorda (0,9% fortemente e 0,5% parcialmente), e 8,6% permanecem neutros. Esses resultados sugerem que o uso de estimulantes é disseminado em ambientes acadêmicos, especialmente em períodos de estresse, como as provas. O baixo nível de discordância destaca que esse comportamento não é mais considerado uma exceção, mas tornou-se, de certa forma, normalizado. Esse cenário pode estar relacionado à pressão por desempenho, à pressão competitiva e à alta carga de trabalho em cursos como medicina, fatores já descritos na literatura (Souza *et al.*, 2024; Ferreira *et al.*, 2024). Além disso, estudos mostram que essas substâncias são frequentemente utilizadas sem prescrição médica, para possibilitar períodos de estudo mais longos, reduzir a fadiga e aumentar a concentração (Lima *et al.*, 2021).

9

## VANTAGEM PROFISSIONAL E ACADÊMICA

Em relação à percepção de uma potencial vantagem competitiva acadêmica ou profissional proporcionada pelo Venvanse®, os dados revelam uma opinião dividida: 52% dos estudantes discordam (30,3% discordam e 21,7% discordam fortemente), enquanto 26,7% concordam (18,1% concordam e 8,6% concordam fortemente) e 23,1% permanecem neutros. Diferentemente da questão anterior, não há consenso aqui, mas sim uma tendência crítica. Isso sugere que a maioria não considera o uso da medicação um meio legítimo de melhorar o desempenho em comparação com outras pessoas. Isso implica que muitos estudantes, apesar do uso conhecido e até mesmo disseminado de estimulantes, não acreditam em seus benefícios reais. A literatura corrobora essa hipótese, mostrando que, em pessoas sem TDAH, os efeitos cognitivos desses medicamentos são limitados, e a sensação de aumento da produtividade é mais comum do que a eficácia real (Praxedes & Sá Filho, 2019). Além disso, o número significativo de respostas neutras pode indicar preocupações éticas ou contradições em relação ao uso sem

receita médica. Estudos também alertam para riscos como automedicação, efeitos na saúde mental e medicalização do desempenho acadêmico (Souza & Baiense, 2023; Ferreira et al., 2024).

## JUSTIFICATIVA DO USO PERANTE A PRESSÃO ACADÊMICA

O questionamento se a pressão por resultados justifica o uso de medicamentos por estudantes de medicina foi levantada, pois Righi *et al* 2024, afirma que o uso de psicoestimulantes tem aumentado entre estudantes de Medicina devido à intensa carga horária, alta competitividade e pressão por desempenho. Além de sugerir a importância de se explorar fatores contextuais e acadêmicos que influenciam o uso (Righi *et al*, 2024). Diante disso foi aplicado o questionário onde foi possível observar que 53,3% dos participantes concordam totalmente, enquanto 32,2% discordam e 16,7% se mantêm neutros.

## COMPREENSÃO PERANTE OS RISCOS DO USO INDEVIDO

Ademais, foi levantando o questionamento se já pensaram em utilizar o medicamento mesmo conhecendo os possíveis riscos. Uma pesquisa realizada pelo Fernanda *et al* (2025) demonstrou que entre os estudantes que já haviam feito uso 75% tinham conhecimento dos efeitos colaterais e 25% desconheciam. Diante disso, foi observado na aplicação do questionário que 65,6% dos estudantes afirmam já ter pensado em utilizar psicoestimulantes mesmo conhecendo os possíveis riscos. Os resultados apresentados em conjunto com a literatura sugerem que a pressão acadêmica desempenha influência na decisão de fazer o uso de psicoestimulantes, fazendo com que os estudantes considerem os riscos em busca do desempenho (Morgan *et al.*, 2017).

Estudos demonstram elevada prevalência de sintomas de ansiedade, depressão e estresse entre estudantes de Medicina. Uma pesquisa realizada em estudantes de medicina da UFRN 66,3% tinham estresse, 28% tinham sintomatologia depressiva, 66,3% tinham sintomas ansiosos em grau mínimo. Nesse contexto, o uso de medicamentos surge, muitas vezes, como estratégia de enfrentamento, pode-se então entender que parte dos estudantes recorre ou considera recorrer a substâncias psicoativas com o intuito de melhorar o rendimento acadêmico, o que reforça os achados observados nos gráficos analisados (Costa *et al.*, 2020).

É possível compreender que estudantes de medicina possuem o conhecimento sobre os riscos associados ao uso crônico, sem prescrição e sem acompanhamento de medicamentos, isso pode ser comprovado quando respondem que conhecem os riscos e mesmo assim cogitam fazer

uso. Isso mostra que o conhecimento teórico não é o suficiente para se prevenir o uso indiscriminado de psicoestimulantes.

## ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO VINDA DAS INSTITUIÇÕES ACADÊMICAS

No que concerne às estratégias de prevenção e conscientização institucional, os dados revelam uma lacuna significativa, visto que 53,8% dos respondentes discordam totalmente e 37,1% discordam da suficiência de campanhas sobre o tema na instituição de ensino. O somatório dessas percepções negativas atinge 90,9% da amostra, evidenciando uma negligência educacional sobre o uso indiscriminado do dimesilato de lisdexanfetamina. Conforme apontado por Santos *et al.* (2023), a ausência de debates institucionais eficazes contribui para que o conhecimento sobre o fármaco seja mediado apenas por experiências informais entre acadêmicos, privando-os de informações sobre efeitos adversos e dependência. Essa insuficiência de ações preventivas corrobora a tese de Souza e Silva (2022), que descrevem a omissão acadêmica como um fator que valida indiretamente o uso de substâncias para fins de desempenho, uma vez que a instituição foca na cobrança de resultados sem oferecer suporte sobre os riscos do aprimoramento farmacológico. Portanto, a realidade em Porto Velho demonstra uma demanda urgente por intervenções pedagógicas que transcendam a mera proibição e abordem a saúde mental do estudante de forma integral.

11

## CONCLUSÃO

A análise integrada da literatura e dos dados empíricos permite afirmar que o uso indiscriminado de lisdexanfetamina entre estudantes de Medicina configura-se como um fenômeno multifatorial, sustentado por pressões estruturais, dinâmicas sociais e lacunas institucionais. Mais do que uma prática individual, trata-se de um comportamento socialmente normalizado, inserido em uma lógica de performatividade acadêmica que valoriza resultados imediatos em detrimento da saúde mental e do aprendizado significativo.

Conforme indicado por Curi e Imperatori (2024), o consumo desregulado de estimulantes revela fragilidades nas políticas de suporte acadêmico e psicológico. Nesse sentido, os dados evidenciam que o conhecimento técnico sobre os riscos não é suficiente para conter o uso, indicando a necessidade de intervenções que ultrapassem o nível informativo e alcancem dimensões culturais, institucionais e subjetivas.

Ademais, a aparente contradição entre a descrença na eficácia objetiva do fármaco e sua ampla utilização reforça a tese de que seu efeito está mais associado à motivação e à percepção subjetiva de produtividade do que a ganhos cognitivos reais (Roberts *et al.*, 2020). Tal dinâmica contribui para a construção de dependência psicológica e para a medicalização do desempenho acadêmico.

Diante disso, torna-se imprescindível que as instituições de ensino superior assumam um papel ativo na regulação e enfrentamento dessa problemática, por meio da implementação de políticas claras, ações educativas contínuas e ampliação do suporte psicossocial. Como apontam Silva *et al.* (2022) e Pereira e Almeida (2021), estratégias institucionais eficazes devem articular regulação, cuidado e promoção de práticas saudáveis de enfrentamento.

Em síntese, o estudo evidencia que o uso indiscriminado de psicoestimulantes não pode ser compreendido apenas como uma escolha individual, mas como expressão de um modelo acadêmico que tenciona limites subjetivos e institucionais. Enfrentar esse fenômeno exige, portanto, uma abordagem multidimensional, capaz de reconfigurar tanto as condições objetivas de formação quanto os sentidos atribuídos ao desempenho e ao sucesso no ensino superior.

## REFERÊNCIAS

1. CATA-PRETA B, *et al.* Psychostimulant use for neuroenhancement (smart drugs) among college students in Brazil. *Substance Use & Misuse*, 2019; 55: 1-9.
2. CERQUEIRA NSVB, *et al.* Uso indiscriminado de metilfenidato e lisdexanfetamina por estudantes universitários para aperfeiçoamento cognitivo. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, 2021; 7(10): 3085-3095.
3. CERVEIRA S, *et al.* Uso prescrito de dimesilato de lisdexanfetamina (Venvanse®) para fins recreativos. ResearchGate, 2022.
- CURI D, IMPERATORI G. Abuso de medicamentos controlados: Rivotril, Venvanse e Zolpidem. **Revista Brasileira de Saúde Mental**, 2024; 12(2): 88-102.
4. DE OLIVEIRA MCT, GUIMARÃES NETO AC. Uso indiscriminado de medicamentos psicoestimulantes em estudantes. **Brazilian Journal of Health Review**, 2024; 7(1): 1440-1459.
5. DE TOLEDO SOUZA AC, *et al.* Consumo não prescrito de metilfenidato e lisdexanfetamina pelos estudantes dos cursos de medicina e direito de um centro universitário. **Revista Master - Ensino, Pesquisa e Extensão**, 2024; 9(17).
6. ESPOSTI HC, *et al.* O uso abusivo de anfetaminas por estudantes universitários. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, 2017; 2(4): 5-14.
7. HOEFLICH CC, *et al.* Current psychiatric treatment for college students with depression only, anxiety only, or comorbid depression & anxiety (2013-2019). **Journal of Affective Disorders**, 2023; 320: 348-352.

8. LOPES JV, *et al.* Metilfenidato e Venvanse: o impacto na qualidade de vida dos estudantes de Medicina. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, 2024; 6(8): 1891-1906.
9. MACIEL FD, *et al.* Safety and efficacy of lisdexamfetamine dimesylate in attention deficit hyperactivity disorder: a literature review. *Research, Society and Development*, 2023; 12(2): e28412240259.
10. MARTINS CAA, *et al.* A utilização de psicoestimulantes por estudantes visando a melhoria do desempenho acadêmico: revisão sistemática. **Brazilian Journal of Health Review**, 2023; 6(3): 13359-13373.
11. MAY T, *et al.* The Australian evidence-based clinical practice guideline for attention deficit hyperactivity disorder. *Australian & New Zealand Journal of Psychiatry*, 2023; 57(8): 1101-1116.
12. MINNITI G, *et al.* O consumo de drogas psicoestimulantes entre estudantes de medicina. **Brazilian Journal of Health Review**, 2021; 4(4): 17912-17921.
13. MOREIRA SC, *et al.* O uso do cloridrato de metilfenidato e seus fatores influenciadores na vida de jovens estudantes do curso de Medicina. *Research, Society and Development*, 2022.
14. NASCIMENTO MHF, *et al.* Lisdexanfetamina comparada a metilfenidato ou antidepressivos no tratamento de TDAH em crianças e adolescentes: revisão rápida de evidências. **Revista Científica da Escola Estadual de Saúde Pública de Goiás**, 2022.
15. PASCHOAL DE FARIAS G, *et al.* Uso indiscriminado de metilfenidato e lisdexanfetamina no meio universitário. *Interfaces em Ciências da Saúde*, 2024; (3).
16. PEREIRA FT, ALMEIDA RCF. Fatores associados ao consumo de estimulantes entre estudantes universitários. *Cadernos de Saúde Coletiva*, 2021; 29(4): 456-470.
17. PIRES ITM, *et al.* Uso de álcool e outras substâncias psicoativas por estudantes universitários de psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 2020; 40.
18. SADOCK BJ, *et al.* Manual de farmacologia psiquiátrica de Kaplan & Sadock. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed; 2015.
19. SANTOS HP, RIBEIRO VL. O uso de lisdexanfetamina por universitários e seus efeitos na saúde mental. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, 2023; 72(1): 15-28.
20. SILVA LS, CALDEIRA TB. Uso de psicoestimulantes do tipo metilfenidato entre acadêmicos de uma instituição superior de ensino de Minas Gerais. **Revista de Medicina e Saúde de Brasília**, 2020; 9: 234-261.
21. SILVA MR, *et al.* O papel das universidades na prevenção do uso de substâncias estimulantes: uma revisão narrativa. **Revista de Educação e Saúde**, 2022; 10(2): 89-105.
22. SMITH ME, FARAH MJ. Are prescription stimulants “smart pills”? The epidemiology and cognitive neuroscience of prescription stimulant use by normal healthy individuals. *Psychological Bulletin*, 2011; 137(5): 717-741.
23. SÔNEGO M, *et al.* Exploring the association between attention-deficit/hyperactivity disorder and entrepreneurship. **Brazilian Journal of Psychiatry**, 2021; 43(2): 174-180.